



GÊNEROS TEXTUAIS E LETRAMENTOS: PERSPECTIVAS DO SUJEITO SURDO

Francisco Ebson Gomes-Sousa (1); Rosângela Ívina Araújo dos Santos (1); Danielly Silva Guedes (2)

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: ebsongomess@gmail.com
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: rosangela.ivina_51@hotmail.com
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: danielly.guedes007@gmail.com*

Resumo: Pautados nas perspectivas de Bakhtin, no intuito de que não há comunicação que não seja por meio de gêneros discursivos e, portanto não sendo arregrado a uma língua em específico. E no caso da pessoa surda, as línguas – de sinais e portuguesa – compartilham o mesmo espaço e tempo nas diferentes esferas de atividade e que possuem forças socioculturais e ideológicas assimétricas. Assim, este artigo tem como objetivo investigar como se dá o uso e o reconhecimento dos gêneros textuais a partir de práticas de (multi) letramentos por parte dos sujeitos surdos da cidade de Caraúbas - RN. Nossa base teórica utilizada é de Bakhtin (2011), para gêneros discursivos, Rojo (2001) sobre letramentos e Quadros (2004) sobre a língua de sinais e sua estrutura. Para atingirmos os nossos objetivos, fizemos uso da metodologia de pesquisa-ação na investigação sobre os gêneros, como a comunidade reconhece e usa assim como a explicação sobre o tema e novamente a verificação sobre o mesmo. Os resultados, ainda incipientes, apontam para um leque de gêneros reconhecidos e usados pela comunidade surda estudada. Dessa forma percebemos que nesse processo gradativo de constantes letramentos, percebemos a recorrência de gêneros, que são associados aos aspectos sociais e culturais, em que neste trabalho, tentamos fazer um parecer sobre como estes refletem os aspectos sociais e linguísticos desse povo.

Palavras-chave: Gêneros textuais, letramentos, surdos.

1. INTRODUÇÃO

Ao pensarmos no estudo dos gêneros vemos que estes para os estudiosos são vistos hoje em diferentes áreas, tendo em vista que os gêneros são indispensáveis para comunicação e circulação de uma língua e possuem intrinsecamente contidos neles aspectos socioculturais de um povo. Assim como as novas concepções do que seriam as pessoas alfabetizadas, letradas, e dentre outras. Vendo as especificidades dos sujeitos atuais, principalmente quando falamos da comunidade surda, sendo esse nosso campo de pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa visa identificar como se dão os processos de letramentos através do reconhecimento e uso de gêneros discursivos adotados pelos indivíduos que fazem parte da comunidade surda de Caraúbas - RN. O trabalho será desenvolvido em torno de estudos e discussões embasadas nos conceitos de gêneros e letramento ora apontados em várias literaturas, adaptando-os para um olhar sobre a comunidade surda, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o seu convívio em solo majoritariamente repleto por Língua Portuguesa (LP).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O objetivo da pesquisa é investigar como se dá o uso e o reconhecimento dos gêneros textuais a partir de práticas de (multi) letramentos (ROJO, 2012) por parte dos sujeitos surdos da cidade de Caraúbas - RN, tendo em vista que estes muitas vezes são ainda subjugados por uma cultura que os diz como incapazes, e sem noção, em que muitos casos apenas há uma visão estereotipada, preconceituosa e não articulada.

2. OS MULTILETRAMENTOS E A PRÁTICA SOCIAL

Dentro de uma concepção mais tradicional - apesar de sua circulação recente - de que letramento não é apenas visto como a leitura e a escrita, vão muito além da concepção de alfabetização. Como podemos observar nas palavras de Soares (2003, p. 3), “letrar é [...] ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura façam parte da vida do aluno”. Dessa forma, dentro dessa concepção seria letrada a pessoa que se utiliza de boa forma da leitura e da escrita para a sua prática social.

Entretanto, por mais que as termologias e teorias conceituais tenham sido criadas em um meio educacional em que se assume e admite em alguns casos, entrelaçar às práticas institucionalizadas escolares. Mas para além desse pensamento, precisamos ver como nos estudos sobre novas perspectivas de letramentos essa concepção está muito mais abrangente como mostram estudos de Street (1995).

Assim como também Barton e Hamilton (2007, p. 8), por exemplo, já entendem que deve o “letramento ser melhor entendido como um conjunto de práticas sociais, as quais podem ser inferidas de eventos que são mediados por textos escritos”, fazendo com que tal entendimento seja ampliado para outros segmentos antes mesmo não pensados.

Pensarmos hoje nas práticas discursivas variadas que temos, como o simples fato de estarmos usando um equipamento tecnológico como o computador para mostrarmos essa pesquisa, em que precisamos executar uma série de mecanismos para a produção do texto na máquina, assim como outros processos que realizamos no nosso dia a dia. Tendo em vista com esses elementos expostos, vamos muito além de processos de escrita, não sendo o único modo semiótico em que primeiro foi pensado o conceito de letramento.

Passamos a conceber diferentes sistemas semióticos, além do linguístico, como o visual, o sonoro, o auditivo, o espacial, o gestual, que estão desde a mídia, à internet, nas ruas, no nosso constante agir. Assim, dentro das nossas práticas sociais como afirma Rojo (2012) temos multiplicidades específicas em nossa cultura, e as divide em dois pontos, primeiramente nos mostra a multiplicidade de culturas - que significa que as produções letradas culturais em nossa sociedade não são puras;

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

apontam para uma desterritorialização de sentidos, ideologias, crenças e valores que se amalgamam em práticas discursivas variadas - e o de multiplicidade semiótica de constituição dos textos - que apontam para a circulação e consumo de textos multimodais, os quais podem apresentar em sua constituição, diferentes sistemas semióticos para representar significados.

Dessa forma, a realização dos multiletramentos no contexto atual pode ser visualizada pelos diversos gêneros discursivos que são usados nos processos de interação, assim sendo pertinentes a todos. Mas no caso da pessoa surda, há diferença nesse sentido? Como os mesmos entendem essa concepção? Veremos a seguir como se dão os gêneros.

3. GÊNEROS DISCURSIVOS

No processo comunicativo, fazemos uso de diversos mecanismos que nos possibilitam um entendimento eficaz nas mais diversas situações e contextos enfrentados. Em sua obra, Bakhtin (1997) denomina esses mecanismos de gêneros, e neste trabalho adotamos a sua concepção de que estes são os mecanismos pelos quais interagimos socialmente.

No momento em que estamos inseridos no meio social, somos cobrados para que saibamos agir corretamente por meio dos diferentes gêneros, em suas diversas situações comunicativas. Cobrança essa, que advém da sociedade letrada, e a partir do momento em que não somos capazes de realizar essa produção textual de maneira eficaz, sofremos estigmas por parte daqueles que não compreendem as diversas formas de comunicação que permeiam os indivíduos – em sua concepção - não letrados, instaurando assim, o preconceito e a desvalorização desses sujeitos.

Para compreendermos então, os gêneros e seu papel social, dialogamos com Bakhtin (1997, p. 280):

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Logo, é possível compreendermos que, em nossas situações comunicativas estamos fazemos uso da língua, seja em sua modalidade oral ou escrita, através dos gêneros discursivos, que se realizam em diversos campos de nossa vida, sobretudo, em nosso cotidiano, sendo esse o meio de interação nas situações formais ou informais. Desse modo, os gêneros passam a estar presentes e em uso por intermédio das práticas sociais.

Para que tenhamos acesso ao conhecimento acerca dos diversos gêneros e as situações comunicativas que lhe cabem, é necessário abordá-los dentro do meio escolar enquanto objeto de estudo, tendo em vista o ensino-aprendizagem do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mesmo, buscando seu reconhecimento e domínio por parte dos sujeitos. Desse modo, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), “o trabalho sobre os gêneros dota os alunos de meios de análise das condições sociais efetivas de produção e de recepção dos textos”.

Diante das abordagens acima, refletiremos a partir das análises desta pesquisa, como os sujeitos surdos (sujeitos de nossa pesquisa) reconhecem e agem por meio dos gêneros, sabendo que muitos deles tiveram déficit em sua educação, e fazem uso de um sistema linguístico diferente da comunidade ouvinte, porém, embora a língua utilizada seja outra, a língua portuguesa é intrínseca ao meio em que vivem, então suas interações sociais são vinculadas ao nosso sistema de escrita.

Portanto, é de suma importância voltarmos nossa atenção para essas realizações, buscando compreender e contribuir com a aprendizagem, letramento, e interações sociais desses sujeitos, e para isso, se faz necessário conhecer seu sistema linguístico e a cultura a qual estão inseridos.

4. AS COMUNIDADES SURDAS: DA LÍNGUA À CULTURA

Comunidade é um substantivo feminino que significa “estado do que é comum; paridade; comunhão, identidade: comunidade de sentimentos” para o Dicionário Online de Português. O que difere a comunidade surda de outras comunidades nada mais é do que a língua que é utilizada que reflete diretamente em sua cultura, história, costumes, entre outras.

Para Quadros (2004), “língua é um sistema de signos compartilhado por uma comunidade linguística comum”, no Brasil temos duas línguas tidas como oficiais que são a Língua Portuguesa (LP) e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), tendo distinção segundo estudos linguísticos de Quadros (2004) que uma é oral-escrita e a outra é visual-espacial, respectivamente. Cada usuário das referentes línguas constrói de formas diferentes sua identidade, a partir de qual língua utilizaram desde a fase de aquisição da língua.

A LIBRAS é um dos elementos cruciais que definem a cultura surda, dentro do Brasil, as comunidades surdas tem usuários da LIBRAS, que pertencem à cultura surda e ao povo surdo. Para conceituar cultura nos valem de uma definição simples para Strobel (2008), que diz:

A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas (STROBEL, 2008, p.19)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Percebemos que língua e cultura são intrínsecas para definir-se uma identidade. A cultura surda é caracterizada primordialmente pela LIBRAS assim também como a vida social, esportiva, artística, entre outros aspectos das pessoas surdas. A história dos surdos, seus sofrimentos, lutas e conquistas, mostram a pertinência que há em manter-se unidos, construindo sua própria identidade, interagindo com sua e demais comunidades, até mesmo como forma de mostrar resistência.

5. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados na realização de nossa pesquisa de cunho qualitativo (GOLDENBERG, 1997), tendo como objetivo identificar o uso e o reconhecimento dos gêneros textuais por parte dos sujeitos surdos, haja vista considerada como exploratória, na tangente que objetiva “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 35) escolhemos os sujeitos pertencentes à comunidade surda de Caraúbas/RN, tanto os surdos naturais desta cidade como também de novos integrantes dessa comunidade.

Utilizamos questionários como instrumento de coleta de dados, compreendidos por Silva e Menezes (2001, p. 33) como “uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante”. Nosso corpus, portanto, é constituído por quatro questionários respondidos. Após a aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), termo esse que garante o sigilo de suas identidades, foi aplicado o questionário, que dividimos em duas partes: a primeira sobre a formação, gênero, fluência em LIBRAS, fluência em LP, assim como a importância da língua de sinais para eles; na segunda parte foi voltada aos gêneros textuais e formas de percebermos letramentos.

Para atender a investigação das hipóteses levantadas ao início de nosso trabalho, formulamos e aplicamos na segunda parte do questionário contendo 6 (seis) questões, sendo elas fechadas, abertas e mais lúdicas. Optamos por trabalhar com os gêneros (escritos e orais) que são mais recorrentes. Em que escolhemos: 1. Bula de remédio; 2. Receita; 3. Lista de compras; 4. Placas; 5. Palestra; 6. Carta; 7. Bilhete; 8. Curriculum Vitae; 9. Manual de instruções; 10. Piada.

A pesquisa foi realizada com a comunidade surda de Caraúbas - RN, de um universo de mais de 25 surdos (dados não oficiais) aplicamos o questionário aos 04 (quatro) sujeitos que se dispuseram a responder o questionário com consentimento livre e esclarecido. Assim,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

seguindo a pesquisa foram nomeados pelas siglas **S1, S2, S3 e S4** (em que “S” significa sujeito).

Tendo em vista nosso objetivo, propusemos a aplicação de um questionário a membros da comunidade surda de Caraúbas - RN. Com o corpus, fizemos a comparação entre as resoluções dos sujeitos no que concerne ao uso/reconhecimento de gêneros textuais e práticas de letramentos. Nossa atenção esteve mais voltada a parte de reconhecimento de gêneros e o restante voltado a práticas de letramentos, por meio de gêneros textuais. Fizemos tabelas com 4 colunas correspondentes as respostas dos sujeitos, em que tratamos as respostas correspondentes às questões, que será melhor detalhado no item 6.4, já na análise de dados.

6. ANÁLISE DOS DADOS

A partir das análises feitas pelos sujeitos surdos, identificamos divergências e similaridades entre as respostas obtidas com os questionários, possibilitando-nos perceber como se dão as práticas de multiletramentos adotadas por essa comunidade. Assim, para atingir esse propósito, a análise foi dividida em blocos de acordo com o questionário aplicado. No primeiro subtópico da análise temos o perfil dos sujeitos (questões 1, 2, 3, 4 e 5); o reconhecimento de gêneros textuais e conceituação (questões 6 e 7) sendo o segundo bloco; já o terceiro (questões 1, 2, 3, 4 da segunda parte do questionário) utilizamos de estratégias para o reconhecimento do gênero bilhete e seus aspectos; e o último subtópico (questão 5) sobre a compreensão de gêneros diversos (item 5.2).

6.1. Bloco 1: Perfil dos sujeitos

As cinco primeiras perguntas se destinavam a traçar um perfil do sujeito, assim sendo perguntado: 1 - Qual a sua formação?; 2 - Eu sou... (referente ao gênero); 3 - Você considera a sua fluência em LIBRAS como?; 4 - Sabe ler, escrever e falar a LP?; 5 - Para você a LIBRAS é... (referente à concepção de língua para o sujeito).

Com base nas respostas, identificamos que 50% (2) dos entrevistados tem pós-graduação em nível de especialização e os outros 50% (2) divididos em 25% (1) que possui pós-graduação em nível de mestrado e os outros 25% (1) tem o ensino médio completo. Sendo 75% (3) mulheres e 25% (1) homens. Quanto ao nível de fluência em LIBRAS, 75% (3) das respostas afirmou ser muito fluente na língua de sinais assinalando na escala de fluência o item máximo (10) e os 25% (1) assinalou como uma fluência mediana (5).

Em relação à concepção de segunda língua para os surdos, percebemos que das respostas obtidas em relação a saber ler, escrever e falar



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

a LP, 75% (3) afirmaram que sabem ler, escrever e falar a LP, sendo que 25% (1) só assinalou que sabe ler e escrever. Quanto a LIBRAS para o seu entendimento 75% (3) afirmou que é a sua língua natural/materna e 25% (1) disse que seria sua segunda língua.

6.2 Bloco 2: Reconhecimento de gêneros textuais

Neste bloco, construímos análises a cerca da compreensão dos sujeitos no que se refere ao conhecimento sobre gêneros textuais e suas concepções. As respostas são alusivas às questões 6 e 7 (Você conhece o termo gênero textual – explique o que você entende sobre gênero textual.), respectivamente.

S1	S2	S3	S4
Não sabe.	Sim “Gênero textual são vários tipos de texto como carta, e-mail, redação, etc.”	Sim “É o tipo de texto. Por exemplo, é o jeito de escrever um texto e as regras. Exemplo numa carta tem que ter o nome da pessoa, data e um texto escrevendo o que quiser. E num jornal uma data, acontecimento, etc.”	Não sabe.

Como podemos perceber, na questão 4 do bloco 6.2, 100% (4) dos sujeitos afirmam saber ler e escrever em LP, no entanto nas respostas obtidas nas questões 6 e 7, apenas 50% (2) dos sujeitos conhecem o conceito de gênero textual. O que nos leva a pensar sobre o déficit na educação, onde o hábito de ler e escrever é apenas funcional, sem aprofundamento nos conceitos sobre texto, gênero, etc. As análises dos blocos posteriores nos permite perceber que, embora 50% (2) dos sujeitos não conheçam e não saibam conceituar o termo gênero textual, eles o reconhecem e sabem aplicá-los de acordo com a situação comunicativa a qual estão inseridos. Então, de acordo com o conceito de letramento de Soares (2003), não se trata apenas de uma questão de leitura e escrita, mas de usar tais práticas para agir socialmente, podemos então considerar que os sujeitos são letrados no que diz respeito ao uso dos gêneros que estão presentes em nosso cotidiano, pois o processo comunicativo está sendo realizado.

6.3 Bloco 3: Gênero bilhete e seus aspectos

No presente bloco, escolhemos trabalhar com a exposição do gênero bilhete, foram apresentados diversos modelos do mesmo, para verificar o reconhecimento por parte dos sujeitos. Organizamos as perguntas e respostas em quadros, para facilitar a visualização dos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

leitores. Na primeira questão, pedimos para que realizassem a leitura de um bilhete, seguindo, perguntamos qual nome eles dariam para esse gênero textual, a justificativa para tal escolha, e também perguntamos algumas informações que estavam contidas no corpo do texto do bilhete (quem enviou e quem recebeu).

Analisando as respostas do sujeito S1 na primeira questão, ele não responde com uma palavra o termo que nomeia o gênero, mas usa características físicas do texto para identificá-lo, “*cartaz borda*”, o que nos leva a entender que o mesmo identifica o gênero como um cartaz por causa de sua borda, fator decorrente por conta da imagem utilizada, pois, se fosse por conta do conteúdo, talvez as respostas seguintes fossem satisfatórias, mas não é o caso, pois em relação às perguntas seguintes sobre o conteúdo do texto, sua resposta é correta, o que nos leva a compreender que, mesmo que ele não saiba nomear o gênero, ele compreende sua mensagem, função e consegue utilizá-lo.

Sobre as respostas de S2, na primeira pergunta da questão ele aponta que é o gênero é “Recado. Por que está enviando o recado para outra pessoa.”, e também responde corretamente as demais perguntas sobre o texto. Assim como respondido em 6.1 referente a conhecimento sobre os gêneros, o sujeito S2 nomeia, explica e também compreende a mensagem que está sendo passada.

Sujeitos S3 e S4 responderam que se trata do gênero convite. Embora essa resposta não seja a correspondente ao gênero exposto, refletimos que a maneira em que se deu a construção do texto, poderá ter implicado nas respostas dos sujeitos, pois, no corpo do texto continha informações que levavam a entender que podia tratar-se de um convite ao invés de um recado. Tal constatação foi feita depois de observarmos as semelhantes justificativas utilizadas por S3 e S4 na presente questão, sendo elas, respectivamente: “É um convite. Por que está convidando uma pessoa.”; “Convite, por que chamar as pessoas.”. Todavia, as respostas sobre quem enviou e quem recebeu o bilhete, foram corretas, e mais uma vez concluímos que, embora não tenha conhecimento sobre o termo para dar nome a tal gênero, e até mesmo que haja pequenas confusões na hora da identificação, a mensagem é compreendida.

No segundo questionamento, colocamos três tipos de bilhetes, sendo elogio, agradecimento e pedido. Pedimos para que eles ligassem a mensagem ao assunto. Após a leitura de cada quadro onde estava a mensagem, todos realizaram a tarefa de maneira satisfatória, tendo 100% (4) das respostas corretas. Dando continuidade, na questão três, apresentamos um bilhete onde havia figuras e palavras, a tarefa consistia em trocar as figuras pelas palavras de modo que passassem a entender o

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

recado por inteiro. Todas as palavras colocadas estavam em conformidade com os significados.

Neste momento, alguns sujeitos não lembravam a maneira como a palavra era escrita, apenas o sinal, foi o caso do sujeito S1 com a palavra rato, nesse momento, utilizamos o recurso da interpretação para auxiliá-lo, mas vale salientar que, apenas mostramos a grafia da palavra que o surdo desejava escrever. Assim como o sujeito S3 que também não recordou-se da palavra ratoeira, e respondeu usando a expressão “matador de rato”.

Houve divergência também na identificação da imagem de uma fruta, o sujeito S1 respondeu limão, e os demais responderam laranja, mas compreendemos que isso ocorreu pela baixa qualidade da imagem. Mesmo diante dessas pequenas divergências, não houve nenhuma alteração no sentido, pelo contrário, a compreensão e realização da atividade deram-se de maneira tranquila e totalmente adequada. Na última questão deste bloco, assim como na questão 2, a questão quatro também baseava-se em ligar o tipo de bilhete a imagem, colocamos bilhete de circo, despedida, loteria e metrô. E também obtivemos 100% (4) das respostas corretas.

Em suma, notamos que embora algumas não tenham o conhecimento sobre o termo que denominamos gêneros textuais, todos o reconhecem pelo uso, de modo que, notamos o uso de expressões ou palavras de significados semelhantes para explicar a função daquilo que está sendo apresentado. Na sessão seguinte, apresentaremos análises feitas a partir das últimas questões de nosso questionário, na qual sairemos do gênero bilhete, e passaremos a tratar sobre o reconhecimento de outros gêneros diversos.

6.4. Bloco 4: Compreensão de gêneros diversos

Neste bloco final da análise, visando perceber como se dava a compreensão dos sujeitos para com os gêneros que escolhemos na pesquisa, como já citado no item 5.2, apresentamos as respostas que foram dadas ao serem mostrados os gêneros textuais (escritos e orais) assim, mostramos as respostas em tabela para uma melhor visualização.

Gêneros	S1	S2	S3	S4
Bilhete	“Apostila”	“recado”	“convite”	“convidado”
Bula	“Remédio papel ver precisar”	“orientação”	“bula”	“Receita medicamento”
Carta	“Carta chegar ler assinar “	“carta”	“carta”	“comunicado”



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Lista de Compras	“Supermercado ler lista”	“Lista de compras”	“lista”	“Receita compras”
Currículo	“Precir ler ver avaliar aceitar trabalho”	“currículo”	“Currículo vitae”	“Curriculum vitae”
Placas de Sinalização	“Precir ver dirigir parar atenção placas ruas ver”	“Placas”	“simbolos”	“aviso”
Receita	“Ler fazer comida delicia”	“receita”	“receita”	“receita”
Manual de Instruções	“Televisão ver papel não-conhecer bom saber”	“apostila”	“manual”	“Apostila estudos”
Piada	“piada”	“Piada visual”	“comédia”	“Humor (mundo para surdos)”
Palestra	“Palestra ajudar”	“palestra”	“artigo”	“palestrante”

No primeiro gênero percebemos um conflito entre as respostas dos sujeitos para o gênero bilhete mesmo tendo sido trabalhado exclusivamente como demonstra o subtópico 6.3 em relação ao gênero bilhete e seus aspectos. Podendo ser explicada tal disparidade na forma com que apresentamos a imagem do tema, que se apresentava em uma folha de caderno destacada, podendo ser a motivação de S1 para afirmar ser “apostila”, e dentro do texto por mais que tivesse emissor, destinatário, fosse breve, tivesse saudação final e data, acabou-se vendo mais a mensagem, que seria o convite de Talita à Mariana para trazer sua boneca para irem brincar e que convidasse a Paulinha.

Ao vermos as respostas de S1 por mais que não tenha nos dado o nome adequado ao gênero, percebemos que o mesmo consegue entender sobre o assunto e o gênero do mesmo, como no caso da bula, em que descreve “remédio papel ver precisar” que mostra assim a usabilidade da proposição do gênero que é de dar orientações para o tomar dos remédios, contendo posologia e dentre outros. Assim, sendo explicado tal fenômeno como também as respostas de S2 e S4, com “orientação” e “receita medicamento” respectivamente, além de S3 que respondeu adequadamente ao gênero.

Percebemos que todos os sujeitos responderam adequadamente aos gêneros carta, lista de compras, currículo e receita talvez pela proximidade. Já em placas de sinalização, percebemos que S3 e S4 apresentam “simbolos” e “aviso” respectivamente, sendo por nós considerado como adequado, por mais que estejamos perguntando os gêneros textuais usados,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

concebendo que sim, são imagens pictográficas de auxílio na comunicação, seja de trânsito, vigilância, e dentre outros, assim também sendo um aviso.

No gênero manual de instruções, percebemos que S1 por mais que não tenha colocado o nome do gênero, o descreve e compreende perfeitamente seu objetivo. S2 e S4 a caracterizam como “apostila”, que de certa forma também apresenta instruções para um determinado propósito, talvez sendo essa motivação para que os sujeitos a caracterizassem assim. E S3 respondeu adequadamente ao que mostrava o gênero, composto por instruções para o uso ou para a configuração de um aparelho. Mostrando assim, um entendimento em relação ao propósito comunicativo do gênero em questão.

Nos dois últimos gêneros que foram apresentados piada e palestra, sendo gêneros orais, foram apresentados em língua de sinais, em que fizemos como experimento para averiguar o reconhecimento dos gêneros orais. Em que percebemos que todos responderam adequadamente às propostas apresentadas, por mais que S3 tenha respondido “comédia” para piada e “artigo” para palestra, mas não deixam de ser considerados dentro da margem de entendimento dos gêneros. Consideramos assim esses dados como indícios para pensarmos em novas possibilidades no que tange aos multiletramentos e as práticas sociais mediadas por gêneros textuais.

7. CONSIDERAÇÕES SEMI-FINAIS

Considerando nossas análises na presente pesquisa, podemos perceber o quanto alguns aspectos no que diz respeito à educação dos surdos, é falha. Pois podemos inferir, que a apropriação dos gêneros que nos rodeia, se dá pela vivência cotidiana, e não somente dentro das salas de aula, assim como os sujeitos ouvintes.

Desse modo, chegamos aos seguintes resultados: embora em alguns casos os sujeitos não conheçam o termo que nomeia cada gênero que foi apresentado, eles sabem reconhecê-los e utilizá-los por meio da função comunicativas de cada um, sendo, portanto, consideradas práticas de (multi) letramentos por parte desses sujeitos investigados.

Tal constatação nos leva a refletir, enquanto futuros professores e pesquisadores, sobre práticas para proporcionar uma eficácia no ensino-aprendizagem de língua, seja ela portuguesa ou de sinais, considerando os aspectos sociais e linguísticos da comunidade surda, sem os subjugar-los. Deixamos aqui nossas reflexões ainda incipientes para possíveis estudos posteriores não contemplados nessa pesquisa.

8. REFERÊNCIAS

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 277-326.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. [Tradução de Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DICIO. Dicionário Online de Português. **Comunidade**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/comunidade/>> Acesso em: 15 Mai 2016.

FELIPE DE SOUZA, T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na língua brasileira de sinais (libras)**. 1998. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. **Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto de transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB)**. In: LIMA-SALLES, H. M. M. (Org.). **Bilingüismo dos surdos: Questões lingüísticas e educacionais**. Goiânia, GO: Cênone Editorial, 2007, v. , p. 73-96.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação**. Florianópolis: LED/ UFSC, 2001.

SOARES, Magda. **O que é letramento**. Diário do Grande ABC: Santo André, 2003.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Ed. da UFSC: Florianópolis, 2008.